

As experiências de xenofobia e saúde entre imigrantes venezuelanos refugiados nas reportagens jornalísticas no Brasil

Fernanda de Souza Quinelato¹

Adriano de Lavor Moreira²

James Robert Welch³

Resumo: Buscamos compreender as condições de saúde e as experiências de xenofobia entre imigrantes refugiados venezuelanos em reportagens jornalísticas no Brasil, no período de junho a setembro de 2018. Avaliamos a descrição das percepções de xenofobia e o acesso aos serviços em saúde, assim como a responsabilização dos venezuelanos pelo retorno do sarampo ao Brasil. Através de uma investigação qualitativa e bibliográfica, interpretamos as narrativas selecionadas nos veículos de comunicação: O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo, O Globo e G1. A interseção das narrativas com a verificação teórica e as opiniões dos leitores indicou práticas xenofóbicas que repercutem na qualidade de vida destas pessoas, bem como a difusão social da migração venezuelana como um problema que afetou o bem-estar destes indivíduos. Concluímos que a xenofobia interferiu nos cuidados à saúde de imigrantes no Brasil e o jornalismo reforçou essa condição.

Palavras-chave: Imigrantes refugiados venezuelanos. Saúde dos refugiados. Sarampo. Xenofobia. Comunicação.

¹ Mestra em Epidemiologia e Saúde Pública pela Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). E-mail: quinelato.fernanda@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5961-7414>

² Doutor em Informação e Comunicação em Saúde pela Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) e Jornalista do Programa Radis – Comunicação e Saúde da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP) da FIOCRUZ. E-mail: delavor@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5653-1677>

³ Doutor em Antropologia pela Tulane University e pesquisador da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP) da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). E-mail: welch@ensp.fiocruz.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9094-5491>

The experiences of xenophobia and health among Venezuelan immigrants and refugees in journalistic reports in Brazil

Abstract: We seek to understand health conditions and experiences of xenophobia among refugee Venezuelan immigrants in digital journalistic reporting in Brazil from June to September 2018. We evaluated the description of perceptions of xenophobia and health services access, as well as attributions of responsibility to Venezuelans for the return of measles to Brazil. Through a qualitative and bibliographic investigation, we interpret selected narratives in the media vehicles: O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo, O Globo, and G1. The intersection of narratives with theoretical verification and opinions of readers indicated xenophobic practices that impact on the quality of life of these people, as well as social diffusion of Venezuelan migration as a problem that affected well-being of these individuals. We conclude that xenophobia interfered in the healthcare of immigrants in Brazil and journalism reinforced this condition.

Keywords: Venezuelan refugee immigrants. Refugee health. Measles. Xenophobia. Communication.

Las experiencias de xenofobia y salud entre inmigrantes y refugiados venezolanos en reportajes periodísticos en Brasil

Resumen: Buscamos comprender las condiciones de salud y las experiencias de xenofobia entre inmigrantes refugiados venezolanos en reportajes periodísticos en Brasil, de junio a septiembre de 2018. Evaluamos la descripción de las percepciones de xenofobia y el acceso a los servicios de salud, así como la rendición de cuentas de venezolanos por el regreso del sarampión a Brasil. A través de una investigación cualitativa y bibliográfica, interpretamos las narrativas seleccionadas en los vehículos de comunicación: O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo, O Globo y G1. La intersección de las narrativas con la verificación teórica y las opiniones de los lectores indicó prácticas xenófobas que impactan en la calidad de vida de estas personas, así como la difusión social de la migración venezolana como problema afectó el bienestar de estos individuos. Concluimos que la xenofobia he interfirió en la salud de inmigrantes en Brasil y el periodismo he refuerzado esta condición.

Palabras clave: Inmigrantes refugiados venezolanos. Salud de los refugiados. Sarampión. Xenofobia. Comunicación.

Introdução

Ao longo das duas primeiras décadas do século XXI, nota-se relevante crescimento de movimentos migratórios no mundo. Em grande parte, esses movimentos populacionais resultam de perseguições em guerras civis, conflitos internos em vários países, violações de direitos humanos, crises humanitárias e perseguições religiosas. Apenas no ano de 2018, estima-se que cerca de 70,8 milhões de pessoas deixaram os seus países de origem por motivos alheios à sua vontade própria (UNHCR, 2019).

Dentre os vários países selecionados como destino, encontra-se o Brasil, que enfrentou múltiplos fluxos migratórios. Somente em 2018, tornou-se o sexto maior país receptor de pedidos de refúgio no mundo. O Brasil também testemunhou o acréscimo acentuado de entrada de venezuelanos no seu território, o que representa mais de três quartos dos pedidos de entrada naquele ano (UNHCR, 2019).

Esses fluxos migratórios trazem consigo uma carga coletiva e individual de sentimentos, separações e condições extremas de pessoas deslocadas, que devido às circunstâncias de fuga, como travessias perigosas, utilização de recursos ilegais, entre condições adversas, têm por consequência direta o bem-estar antes, durante e depois de suas trajetórias.

Esses refugiados vistos por diferentes segmentos da população como ameaças ou vulneráveis, há uma dualidade em relação às políticas potenciais propostas para o cuidado desses grupos. Como colocado por Pussetti (2017), através da promoção excessiva de imagens do sofrimento migratório, de um lado obtém-se a indiferença, enquanto do outro a aclamação da piedade em relação a esses indivíduos.

O preconceito e a xenofobia contra esses grupos também são expressivos no Brasil, em parte por consequência da falta de políticas de conscientização da população. Milesi, Coury e Rovero (2018) descrevem que a construção política da narrativa de culpabilização dos migrantes sobre os prejuízos causados a uma população local pode ser observada, por exemplo, no caso

da imigração venezuelana para o Brasil, através do estado de Roraima. Segundo esses autores, essa invenção "nociva" (p. 64), fortalecida pelas manifestações discriminatórias dos discursos oficiais, ecoou nos cidadãos de Roraima e legitimou a isenção de responsabilidade dos governantes sobre o atendimento das necessidades dos imigrantes recém-chegados.

Nesse contexto, entendemos que as reportagens jornalísticas produzidas sobre a temática migratória no Brasil são importantes instrumentos de avaliação da realidade, oferecendo elementos que nos permitem observar as experiências entre xenofobia e condições de saúde. A mídia escrita acompanha os pensamentos existentes na população ou constrói valores coletivos em relação aos recém-chegados? Sobre este assunto, Zanforlin et al. (2014) observam a existência de um tom alarmista nos discursos internacionais a respeito do migrante e a substituição do conceito de xenofobia pelo discurso de proteção aos cidadãos. Os autores também identificam que estes conceitos passam a interagir com os enunciados formulados em campanhas eleitorais, potencialmente criminalizando "o estrangeiro". Mas como essa relação ocorre no caso dos venezuelanos estabelecidos no Brasil?

O interesse principal deste artigo volta-se para a compreensão da participação da comunicação jornalística nas condições de saúde de imigrantes refugiados, identificando experiências de xenofobia e de maus-tratos. A partir da perspectiva da saúde pública, investigamos quais as possíveis interligações entre saúde, experiências ou expressões de xenofobia e menções feitas sobre os imigrantes refugiados venezuelanos em reportagens jornalísticas produzidas no Brasil, no período entre junho e setembro de 2018.

Metodologia

A estratégia utilizada foi a investigação qualitativa, de caráter exploratório e interpretativo de narrativas, por meio da pesquisa bibliográfica e documental em jornais digitais. Recorremos aos quatro veículos de comunicação com maiores circulações atualmente no país, especificamente três jornais: O Estado de S. Paulo,

Folha de S. Paulo e O Globo, em suas versões digitais e o G1, portal de notícias na internet do grupo Globo e afiliados locais e internacionais.

A motivação em utilizar o jornal se deu por compreendermos ser uma prática discursiva passível de interpretação, já que as pautas jornalísticas são construídas levando em consideração a sua relevância na vida da comunidade onde circulam as notícias e a sua potência em se transformar em possíveis "problemas sociais" (BORGES; RIBEIRO, 2014. p. 186).

Os parâmetros para a seleção das informações sobre os imigrantes refugiados nos jornais consultados consideraram as palavras-chaves: "venezuelanos", "saúde" e "sarampo". Produziu-se um *clipping* das matérias desses veículos, publicadas em seus *sites* eletrônicos, de forma escrita, entre 1º de junho a 30 de setembro de 2018.

O recorte temporal apresentado teve por premissa o momento em que foram registradas ocorrências de violência e xenofobia contra os imigrantes refugiados da Venezuela que chegaram ao Brasil em 2018 através da cidade de Pacaraima em Roraima, no norte do país.

Na seleção de notícias, identificamos grupos temáticos, que foram destacados e sumarizados para aprofundar analiticamente as narrativas. Utilizamos como recurso analítico a criação de "mapas de associações de ideias" (SPINK, 2010) para sistematizar as transcrições das reportagens ("transcrição sequencial"), dividindo-as em narrativas de saúde e narrativas de xenofobia.

A análise consistiu no exame das narrativas dos textos de comunicação jornalística, incluindo como fonte adicional o campo "comentários" (aberto aos leitores destes veículos).

Resultados e discussão

Foi selecionado um total de 566 matérias a respeito da imigração venezuelana no Brasil no período estipulado. Os 17 grupos temáticos identificados nas reportagens selecionadas

forneceram um panorama do que os jornais focaram na época sobre a tema dos imigrantes refugiados venezuelanos no Brasil (Tabela 1).

Tabela 1. Número de reportagens que mencionam a situação dos imigrantes refugiados venezuelanos no Brasil de junho a setembro de 2018.

Temas	Estado de S. Paulo	Folha de S. Paulo	O Globo e G1	TOTAL
Abrigo no brasil	0	1	11	12
Educação	0	0	2	2
Fome	0	4	5	9
Fronteira	7	9	5	21
Governo/política	17	34	35	86
Indígenas	0	3	3	6
Programa de interiorização	4	3	53	60
Opinião jornalística	1	10	1	12
Opinião política	1	2	0	3
Outros	21	23	38	82
Perfil sociodemográfico	1	6	15	22
Repatriação	0	4	2	6
Saúde/sarampo	10	9	135	154
Trabalho	1	3	8	12
Trajeto Venezuela/ Brasil	1	0	1	2
Violência/xenofobia	11	9	47	67
Voluntariado	0	0	10	10
Total	75	120	371	566

A importância da distribuição desses eixos temáticos para a investigação está na percepção de quais tendências foram representativas para os veículos, avaliando, como evidenciado por Lage (2013), a compreensão da atividade jornalística como uma prática social, em oposição a uma tarefa estritamente técnica. O jornal será problematizado, aqui, como um sinal do comportamento social em reação ao movimento migratório e suas implicações.

A análise nos mostrou que foram poucas as matérias que atribuíram aspectos positivos aos imigrantes refugiados. Apesar de algumas matérias terem retratado venezuelanos empreendedores ou com profissões de nível superior. Entretanto, as imagens que prevalecem são dos venezuelanos famintos, pobres, doentes, oriundos de um sistema repressor e falido. As representações negativas dos refugiados também parecem estar ligadas aos contextos brasileiros quando se deu intensificação de imigrantes através da fronteira com a Venezuela, como o crescimento de discursos públicos caracterizados por perspectivas nacionalistas. Percebe-se uma tensão entre discursos, com maior espaço dado nas reportagens para as vozes contrárias ao acolhimento dos refugiados. Essa questão também é marcada pela entrada e ampliação de discursos críticos dos estrangeiros, responsabilizando-os por perdas de qualidade dos serviços públicos, falta de emprego e uma suposta crise gerada pela entrada de pessoas fora dos canais diplomáticos.

Saúde e sarampo

Na tabela 1, é relevante destacar o item "saúde e sarampo", que avalia nas reportagens que retrataram a ocorrência dessa doença no país a associação feita pelas narrativas entre o retorno do sarampo ao Brasil e a xenofobia. Esse recorte temático de 154 matérias foi pertinente para localizar o período do surto de sarampo no país, da campanha de vacinação anti-sarampo e sua sobreposição com o processo migratório de venezuelanos para o Brasil, ocorridos no mesmo ano. O recorte também se destaca por

contemplar a dimensão da saúde como completo bem-estar físico, mental e social (OMS, 1946) e o acesso aos serviços básicos como direito ao imigrante (BRASIL, 2017).

A quantidade de matérias que abordam o retorno da infecção viral de sarampo, foi de 140 no total. A maioria das reportagens possui cunho informativo sobre a campanha de sarampo, fornecendo espaço para a compreensão da importância do ato de se vacinar, o que é a doença em si, quem é o público-alvo, entre outros. Há também a preocupação jornalística de levantar o grau de cumprimento das metas de vacinação, pautadas pelo Programa Nacional de Imunização do Ministério da Saúde.

Mesmo assim, conteúdos apresentados nos veículos analisados também associam frequentemente a volta do sarampo ao fluxo migratório venezuelano, muitas vezes de uma maneira sutil mediante escolhas de palavras ou construções de frases. Os veículos O Globo e G1 foram os que mais apresentaram essa associação, com frases que reproduzem mensagens poucas substanciadas sobre a responsabilidade unilateral dos imigrantes refugiados venezuelanos pelo retorno da doença ao país devido à presença do vírus de genótipo D8, que circulava na Venezuela naquela época (BRASIL, 2018).

Devido às condições precárias de vida e aglomeração em campos de refugiados, moradias improvisadas, falta de saneamento, entre outras situações, o imigrante refugiado é comumente caracterizado como vetor de doenças infectocontagiosas. As reportagens não exploram diretamente essa afirmação, mas dispõem falas de autoridades que legitimam o estereótipo. Essa situação se confirma nas interpretações escritas ao final das matérias nos comentários dos próprios leitores.

É possível, a partir do conceito dos determinantes sociais da saúde (DSS), compreender e identificar aspectos de várias dimensões com implicações para a saúde dos refugiados, expostos nas narrativas jornalísticas, como as condições socioeconômicas, culturais, ambientais, psicológicas e comportamentais (BUSS, PELLEGRINI, 2007). Compreende-se que os DSS são diversos, envolvendo estruturas, como políticas macroeconômicas e de

mercado de trabalho, proteção ambiental e cultural, condições materiais (água, esgoto, habitação, acesso à alimentação saudável e serviços de saúde, etc.) e até elementos psicossociais e comportamentais individuais. Por consequência, potenciais condições de iniquidade para os imigrantes podem envolver os impactados provocados pela migração forçada nos DSS. Como exploramos nesse artigo, o estado de vulnerabilidade de grande parte dos imigrantes se acentua com a exclusão social, experimentada também no Brasil. Igualmente, os atos xenofóbicos, ainda que difíceis de serem mensurados, podem corresponder a um relevante determinante em saúde.

Narrativas sobre saúde e xenofobia nos jornais

Neste cenário, recupera-se a importância do nexo entre o papel do jornalismo nas menções feitas a essa população migrante, a saúde, a xenofobia e os valores que integram e transpõem a linguagem dos jornais para a sociedade. Os registros aqui analisados remetem a percepções de uma pesquisa baseada sob as lentes da saúde pública, sem pretensões de resolver ou aprofundar o porquê das escolhas da mensagem jornalística nesses meios de comunicação. Problematiza-se a subjetividade das narrativas, que remetem a experiências de xenofobia nos episódios descritos a seguir com implicações para saúde e bem-estar das condições de vida, físicas e sociais da população imigrante refugiada venezuelana.

Como ponto central, é possível caracterizar nos trechos em destaque a ideia de que há um discurso imposto sobre o indivíduo migrante, semelhante ao que Sayad (1998) denomina de "problema social". Essas narrativas enfatizaram o sentimento de não pertencimento desse indivíduo no Brasil. Isso reafirma uma condição dupla de estar, mas não pertencer. É considerado um "problema", pois é interpretado pela necessidade de obter uma solução para absorção do movimento migratório sem prejuízos para a população brasileira. Conforme identificadas nas frases a seguir: "o Estado entrará em colapso, mormente nas áreas de educação, saúde e segurança pública" (PEREIRA, 2018). Segundo a mesma reportagem:

O problema se dá na medida em que o ingresso não guarda proporção com a vazão, e a explosão demográfica venezuelana no estado, colapsa os serviços públicos, causando insegurança e bolsões de miséria com inúmeros pedintes nas vias públicas, um caos que prejudica ao mesmo tempo os roraimenses e os venezuelanos (PEREIRA, 2018).

As representações reforçam a ideia de um problema social, condicionando o imigrante refugiado venezuelano ao papel daquele que não vem para acrescentar, mas sim, oriundo de um grupo social que está necessitado, apenas altera o rumo de algo que se encontrava em progresso. Como apontado nesta fala de um morador de Roraima dentro da entrevista: "Essa imigração veio para destruir tudo. A polícia não dá conta, a educação não dá conta, a saúde não dá conta. O estado estava começando a se recuperar e essa imigração destruiu tudo", afirmou." (PRADO, 2018).

Em grande parte, o perfil exposto acerca do imigrante é aquele do indivíduo faminto, muitas vezes doente, que vivenciou situações de extrema dificuldade antes e depois de chegar ao Brasil. Conforme se observa na fala da diretora de um hospital em Boa Vista: "A doença da maioria dos venezuelanos que chegam aqui é a fome" (MELLO; PRADO, 2018). Na exposição do jornal Folha de S. Paulo: "Fome, desabastecimento, repressão e criminalidade urbana impulsionam a busca por uma vida melhor, ou pela simples sobrevivência" (FOLHA DE SÃO PAULO, 2018).

O posicionamento de reportagens desse tipo sugere uma uniformidade entre os indivíduos venezuelanos com diversas histórias de vida, experiências de escolaridade e profissões, como se todos tivessem os mesmos destinos, anseios, costumes e percepções de mundo. Em reportagens como essas, também há a rotulação de que refugiados são oportunistas, não merecem receber auxílio e competem com recursos que deveriam ser destinados aos brasileiros que necessitam. Essa perspectiva é ilustrada na fala de um leitor em resposta à notícia: "O Brasil está dando para esses estrangeiros tudo que é de primeiro mundo, às custas dos nossos impostos, e tirando nossos empregos" (OLIVEIRA; BRANDÃO;

COSTA, 2018). Neste caso, essas atribuições foram desmistificadas por Simões, Cavalcanti e Oliveira (2018) quando identificam entre essa população migratória alta escolaridade formal e principal interesse em trabalhar para autossustento.

É importante ressaltar que, independentemente da origem do refugiado, o Brasil dispõe de um arcabouço legal que data desde meados da década de 1990 e assegura a concessão de direitos e acesso aos serviços públicos. Nesse contexto, destacamos o Estatuto dos Refugiados, lei nº 9.474/97 (BRASIL, 1997) e, mais recentemente, a Lei de Imigração, nº 13.445 (BRASIL, 2017). Nos trechos adiante, percebe-se a despreensão do cumprimento dos direitos adquiridos por acordos internacionais e legislação interna, exemplificada no trecho: "'O melhor seria fechar a fronteira, fazer um cordão sanitário e não deixar passar ninguém', fala de um morador de Roraima" (PRADO, 2018).

Existe esforço de alguns governos locais (instâncias estadual e municipal), bastante noticiado, em condenar o governo federal, como principal responsável para conter o volume migratório. A seguir, é reproduzido um relato que legitima a ação do governo estadual que criou um decreto para o impedimento de atendimento aos venezuelanos nos serviços públicos. Segundo o repórter, "uma tentativa de buscar soluções desesperadas" (PEREIRA, 2018):

Também foi suspenso pela Justiça Federal um recente decreto do Governo Estadual que restringia o atendimento dos serviços públicos a estrangeiros. Tais atos extremos do governo local são uma tentativa política de buscar soluções desesperadas, ante a atuação insuficiente e inconsistente do governo federal, responsável constitucional por políticas públicas aplicáveis à situação (PEREIRA, 2018).

O discurso documentado e comunicado nas reportagens jornalísticas sobre a xenofobia contra os venezuelanos durante esse período de tensão na fronteira era reforçado pela idealização da falta de emprego, falta de verba federal, falta de estrutura local, além do retorno de doenças supostamente erradicadas. Mesmo

com a veiculação de poucas reportagens como contraponto, afirmando a inconstitucionalidade do controle de acesso de certos serviços e benefícios a esses refugiados e a negação de ajuda humanitária, há comentários dos leitores sobre o tema:

Quem tá pagando por isso somos nós brasileiros, quando o governo vai se dá conta que a entrada dessas pessoas aqui vai sobrecarregar mais ainda nossos serviços públicos que já são terríveis. tão querendo posar de bonzinhos mas no final a conta vai ser grande [...] (COSTA, 2018a).

É importante reforçar que o período é cenário de acaloradas discussões políticas, com candidatos que pleiteiam autopromoção a partir da discussão do processo de imigração. Há uma disputa entre instâncias governamentais, impulsionando também ideologias políticas divergentes. Todas essas informações condicionaram discussões na sociedade, sobre qual direção seria a mais correta para esses refugiados. A ênfase de certas narrativas permanece no encargo local dos serviços públicos. Em destaque, a fala da governadora de Roraima na época, Suely Campos: "Estou atendendo venezuelanos e nossos brasileiros estão ficando para trás, estou ocupando a vaga deles" (MELLO; PRADO, 2018).

Essas narrativas são bem enfáticas em demonstrar o suposto peso dos estrangeiros no sistema de saúde, recorrendo à fala de especialistas que legitimam o discurso do "outro" como perturbador da ordem local. Retomamos aqui a indicação realizada por Milesi, Cury e Rovey (2018), que descreve que há uma construção política da narrativa de culpabilização dos venezuelanos pelos prejuízos, fortalecida pelos discursos oficiais e ampliada entre os cidadãos de Roraima. Faz-se acreditar que a ausência dos serviços públicos, pré-existente ao deslocamento migratório, surgiu com a chegada dos venezuelanos. Nesse caso, o jornal viabilizou a disseminação desses preceitos. A seguir, destaca-se uma fala que legitima tal sobrecarga, principalmente na promoção de saúde:

De janeiro a maio deste ano 228 venezuelanos procuraram atendimento nas unidades da rede estadual de saúde no Amazonas. Dentre as principais doenças apresentadas, os registros são de pneumonia, virose, rota vírus, estafilococcias (infecção na pele), além de problemas como cefaleia intensa (dor de cabeça), dores no peito e lombar, diarreia e vômitos, necessidade de realização de cirurgias de hérnia, dentre outros [...] (G1, 2018a).

A maioria dessas últimas doenças citadas pode ser resultado da insalubridade do local em que os refugiados estavam, com aglomerações e falta de estrutura, não tendo relação direta com enfermidades pré-existentes, por exemplo. Essas informações são significativas, pois remetem à possibilidade desses indivíduos serem saudáveis, mas devido ao percurso, descumprimento legal nas fronteiras, a negação de auxílio humanitário e rejeição constante, adquirirão uma carga de adoecimentos que se somam ao vivido na Venezuela. Em concordância com Perdomo (2007), a emigração ocasiona mudanças habituais nos emigrantes, que conseqüentemente alteram os padrões de morbidade, assim como são expostos a outros tipos de doenças no país a que migraram.

Assim como indicado por Russi e Nascimento (2020) a gramática da notícia sobre o imigrante é delineada a partir de escolhas discursivas, que podem promover o sensacionalismo ou determinar um discurso sobre o próximo. Abaixo, um exemplo:

Sempre quando chega a hora das refeições dos pacientes, 11h30 e 17h30, o Hospital Geral de Roraima fica cheio de venezuelanos. Muitos pegam pulseirinhas de identificação que foram jogadas no lixo e se fingem de acompanhantes de pacientes, para poder comer [...]. Outros entram no pronto-socorro e dizem estar com muita dor de cabeça, para serem internados e ganharem um almoço (MELLO; PRADO, 2018).

Nas reportagens analisadas, foi recorrente à retratação de venezuelanos submetidos a todo tipo de estresse, humilhação e restrição de cuidados, indicando a força desse tipo de narrativa evidenciada pelo não acolhimento devido do "outro" e notícias que empregaram sensacionalismo, assim contribuindo à inflamação da polêmica do momento.

Ainda na abordagem da saúde dos imigrantes, as narrativas jornalísticas trazem um importante episódio que elencou atitudes de xenofobia e responsabilização ao imigrante refugiado, a acusação de serem responsáveis pela entrada do sarampo no país nas falas de políticos — "Os cerca de 3.000 venezuelanos sem-teto nas ruas da cidade causaram um surto de sarampo, segundo ela" (DOCE, 2018) — e nas caracterizações dos repórteres, como no caso de indígenas que entraram no Brasil da Venezuela:

Um surto de sarampo está avançando entre índios da etnia Yanomami, na fronteira entre Brasil e Venezuela. Até esta sexta-feira (13), 17 casos da doença foram confirmados só entre indígenas da região [...] o avanço no número de casos é preocupante e está diretamente relacionado à baixa vacinação entre os índios venezuelanos. Há relatos de que muitos caminham por dias para cruzar a fronteira e buscar atendimento médico no Brasil. [...]. Não temos controle algum da doença entre os índios venezuelanos, até porque a vacinação entre eles é muito baixa. Eles estão adoecendo e vindo para o Brasil em busca de ajuda em razão da falência do sistema de saúde venezuelano (COSTA, 2018b).

Ainda na sequência, percebemos nos comentários deixados pelos leitores dessas mesmas reportagens a causalidade não questionada do retorno do sarampo pelos refugiados venezuelanos, mesmo que foram publicadas algumas reportagens que são mais consistentes com as bases conceituais do Sistema Único de Saúde. Por exemplo, "O surto de sarampo em Roraima diz mais sobre a deficiente imunização no lado brasileiro, precariedade sem a qual

os casos importados da doença não se propagariam" (FOLHA DE SÃO PAULO, 2018). Apresenta-se, na continuação, uma fala exemplar no comentário de um leitor:

Põe na conta dos los hermanos da Venezuela que trouxe novamente essa epidemia de sarampo para o brasil. Essas pessoas que votaram no regime socialista, agora não está aguentando e fugindo para o brasil. Por que não fica lá??? (G1, 2018b)

Em 2018, a OMS identificou que, lacunas na cobertura vacinal anti-sarampo no mundo, teria sido responsável pelo ressurgimento do sarampo, ocasionando surtos graves e prolongados (OPAS, 2018). No final do mesmo ano, o Ministério da Saúde chegou a justificar as baixas na cobertura da vacinação aos registros com atrasos em boletins, erros de digitação e falta de informação atualizada nos sistemas do governo (BRASIL, 2018). Segundo Renata Mariz (2019), essas explicações não são adequadas para explicar a perda do certificado de extinção da doença no Brasil. Mais ainda, segundo Zanforlin e colaboradores (2014), a suposta proteção dos residentes, cidadãos, integra os enunciados eleitorais e criminaliza o estrangeiro. Substitui, assim, o conceito de xenofobia pelo discurso de proteção nacional.

Xenofobia, nacionalismo e comunicação

A partir da interpretação do nacionalismo como capaz de idealizar o desacolhimento de pessoas de fora dos limites territoriais de um país (Eriksen, 1994), é possível que condições tensas entre países que compartilham fronteiras podem fomentar xenofobia. Segundo essa lógica, a reivindicação pela legitimação de uma identidade nacional única e exclusiva, no caso brasileira, é uma construção imaginária de homogenia e autenticidade nacional. Em seguida, retomamos aqui à ideia de que os jornais são instrumentos que acompanham essa dinâmica com a capacidade de reforçar narrativas baseadas em perspectivas nacionalistas, no sentido discutido aqui.

A xenofobia, considerada uma aversão, desdém ou medo de estrangeiros, é evidente em uma parcela robusta das reportagens analisadas ou vozes nelas divulgadas. Comumente, a voz do venezuelano refugiado no Brasil permanece periférica, não ganhando espaço merecido nas narrativas dos jornais, potencialmente por ser avaliada como tendo insuficiente ressonância com a opinião pública prevalente. Segundo Benedito Juarez Bahia (2010), a opinião pública é um fenômeno coletivo de influência para o jornal. Esta, acompanhada de disputa política, econômica ou ideológica e com o auxílio da figura do jornalista, pode assumir o papel de manutenção de ideias preconceituosas. Dessa forma, também tem o potencial para influenciar as condições de saúde das vítimas de xenofobia.

Considerações finais

A importância do conhecimento sobre as migrações forçadas, principalmente no contexto brasileiro, com o deslocamento em massa dos venezuelanos para a região norte do país (e outras regiões em seguida) e as evidências de experiências de xenofobia e maus-tratos nos meios de comunicação, repercute nas políticas e ações em saúde que afetam essa população refugiada dentro da estrutura integrada e regionalizada do Sistema Universal de Saúde.

Como evidenciado pela grande parte das reportagens analisadas, o fenômeno complexo dos fluxos migratórios de refugiados venezuelanos, articulando dimensões tão divergentes como os princípios jurídicos e legislativos que os afetam e discursos sobre identidade nacional, perpetuou e potencialmente acentuou a xenofobia por eles sofrida.

Nos jornais estudados, muitas das representações da imigração venezuelana no Brasil, ecoam na sociedade corroborando e fixando o imaginário já presente sobre a condição de um refugiado e seu mérito para acolhimento no Brasil. Quando esse imaginário chega a envolver xenofobia, torna-se um determinante das condições de saúde do imigrante. Argumentamos que a difusão social da questão migratória venezuelana como "problema" teve implicações para o bem-estar desses indivíduos.

Agradecimento

Expressamos nossa gratidão ao Professor Carlos Coimbra Jr. pela revisão crítica de versão anterior.

Referências

BAHIA, Benedito Juarez. **Dicionário de jornalismo Juarez Bahia: século XX**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BORGES, Lenise Santana; RIBEIRO, Flávia Regina Guedes. **O jornal com o objeto de pesquisa sócio-construcionista**. In: SPINK, Mary Jane *et al* (org.). *A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Informe sarampo**, n. 34, 10 dez. 2018. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/images/pdf/2018/dezembro/14/Informe-Sarampo-n34-12dez18.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2020.

BRASIL. **Lei nº 9.474, de 22 de julho de 1997**. Define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951, e determina outras providências. Brasília, DF, 1997. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19474.htm. Acesso em: 29 ago. 2020.

BRASIL. **Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017**. Institui a Lei de Migração. Brasília, DF, 25 maio 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/L13445.htm. Acesso em: 29 ago. 2020.

BUSS, Paulo Marchiori; PELLEGRINI FILHO, Alberto. A saúde e seus determinantes sociais. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 77-93, abr. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010373312007000100006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 4 out. 2020.

COSTA, Emily. Decreto de RR que restringe serviços a venezuelanos sem passaportes é inconstitucional, avalia PGR. **G1**, 8 ago. 2018a. Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2018/08/08/decreto-de-rr-que-restringe-servicos-a-venezuelanos-sem-passaportes-e-inconstitucional-avalia-pgr.ghtml>. Acesso em: 29 ago. 2020.

COSTA, Emily. Surto de sarampo avança entre índios Yanomami na fronteira entre Brasil e Venezuela. **G1**, 14 jul. 2018b. Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/surto-de-sarampo-avanca-entre-indios-yanomami-na-fronteira-entre-brasil-e-venezuela.ghtml>. Acesso em: 29 ago. 2020.

DOCE, Nacho. Venezuelanas grávidas cruzam fronteira para ter bebê no Brasil. **Folha de S. Paulo**, 22 ago. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/08/venezuelanas-cruzam-fronteira-para-ter-bebe-no-brasil.shtml>. Acesso em: 29 ago. 2020.

ERIKSEN, Thomas Hylland. **Ethnicity and nationalism anthropological perspectives**. 3. ed. [s. l.]: PlutoPress, 1994.

FOLHA DE S. PAULO. **Violência na fronteira**. São Paulo, 23 ago. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opinioao/2018/08/violencia-na-fronteira.shtml>. Acesso em: 28 ago. 2020.

G1. Hospitais fazem 228 atendimentos a venezuelanos no AM: pneumonia e rota vírus lideram causas. Rio de Janeiro, 10 jul. 2018a. Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/hospitais-fazem-228-atendimentos-a-venezuelanos-no-am-pneumonia-e-rota-virus-lideram-causas.ghtml>. Acesso em: 29 Ago 2020.

G1. Mãe de bebê de 7 meses morto no AM por sarampo faz alerta: "se tivesse tomado vacina, estaria vivo". Rio de Janeiro, 6 jul. 2018b. Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/mae-de-bebe-de-7-meses-morto-por-sarampo-faz-alerta-se-tivesse-tomado-vacina-estaria-vivo.ghtml>. Acesso em: 29 ago. 2020.

LAGE, Nilson. Conceitos de jornalismo e papéis sociais atribuídos aos jornalistas. **Pauta Geral: Estudos em Jornalismo**, v. 1, n. 1, p. 20-25, 2013. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/pauta/article/view/6080>. Acesso em: 8 out. 2020.

MARIZ, Renata. Surtos de sarampo fazem Brasil perder certificado de país livre do vírus. **O Globo**, 19 mar. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/saude/surtos-de-sarampo-fazem-brasil-perder-certificado-de-pais-livre-do-virus-23534799>. Acesso em: 29 ago. 2020.

MELLO, Patrícia Campos; PRADO, Avenner. Migrantes vivem cotidiano de fome, preconceito e violência. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 26 ago. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/08/migrantes-vivem-cotidiano-de-fome-preconceito-e-violencia.shtml>. Acesso em: 29 ago. 2020.

MILESI, Rosita; COURY, Paula; ROVERY, Julia. Migração venezuelana ao Brasil: discurso político e xenofobia no contexto atual. **Aedos**, Porto Alegre, v. 10, n. 22, p. 53-70, ago. 2018. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/aedos/article/view/83376/49791>. Acesso em: 29 ago. 2020.

OLIVEIRA, Valéria; BRANDÃO, Inaê; COSTA, Emily. Protesto de brasileiros após morte de pintor exige expulsão de venezuelanos e fechamento da fronteira em Roraima. **G1**, Rio de Janeiro, 8 set. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2018/09/08/brasileiros-fazem-manifestacao-em-boavista-apos-morte-de-pintor-e-cobram-expulsao-de-venezuelanos.ghtml>. Acesso em: 29 ago. 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Constituição da Organização Mundial da Saúde**. Nova Iorque, 22 jul. 1946.

OPAS (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE). **Casos de sarampo estão aumentando em todo o mundo devido a lacunas na cobertura vacinal, indica novo relatório da OMS.** 29 nov. 2018. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5811:casos-de-sarampo-estao-aumentando-em-todo-o-mundo-devido-a-lacunas-na-cobertura-vacinal-indica-novo-relatorio-da-oms&Itemid=812. Acesso em 29 ago. 2020.

PEREIRA, André Paulo dos Santos. A imigração venezuelana em Roraima e o risco da explosão demográfica. **Estado de S. Paulo**, São Paulo, 20 ago. 2018. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/a-imigracao-venezuelana-em-roraima-e-o-risco-da-explosao-demografica/>. Acesso em: 29 ago. 2020.

PERDOMO, Rosa Pérez. Os efeitos da migração. **Ethos Gubernamental**. 2006-2007. Disponível em: <http://files.bvs.br/upload/S/1555-8746/2007/vn4/a111-123-2.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2020.

PRADO, Avenér. Temos que defender o município, diz morador de cidade palco de confronto em RR. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 20 ago. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/08/temos-que-defender-nosso-municipio-diz-comerciante-de-cidade-em-roraima.shtml>. Acesso em: 29 ago. 2020.

PUSSETTI, Chiara. "O silêncio dos inocentes". Os paradoxos do assistencialismo e os mártires do Mediterrâneo. **Interface** (Botucatu). 2017 Jun; 21(61): 263-272. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832017000200263&lng=pt. Acesso em: 18 fev. 2021.

RUSSI, Pedro; NASCIMENTO, Leonardo F. Proposta e processos metodológicos. In: VIANA, André Rego (org.). **A mediação do refúgio no Brasil (2010-2018)**. Rio de Janeiro: Ipea, 2020. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10083/1/A_midiatizacao_do_refugio_no_brasil.pdf#page=11. Acesso em: 29 ago. 2020.

RYLO, Ive. Em 6 meses, pedidos de refúgio de venezuelanos dobram e chegam a 4,7 mil no Amazonas. **G1**, Rio de Janeiro, 28 jun. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/em-6-meses-pedidos-de-refugio-de-venezuelanos-dobram-e-chegam-a-47-mil-no-amazonas.ghtml>. Acesso em: 29 ago. 2020.

SAYAD, A. **A Imigração, ou, os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

SIMÕES, Gustavo da Frota; CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Antônio Ribeiro. Imigração venezuelana no Brasil: perfil socio-demográfico e laboral. In: KOEHLIN, José; EGUREN, Joaquín. **El éxodo venezolano: entre el exilio y la emigración**. Espanha: OBIMID, 4, 2018. p. 115-134. Disponível em: <https://www.uarm.edu.pe/FondoEditorial/etica-desarrollo/el-exodo-venezolano-entre-exilio-emigracion#.X0pjz8hKhPb>. Acesso em: 29 ago. 2020.

SPINK, Mary Jane. **As múltiplas faces da pesquisa sobre produção de sentidos no cotidiano**. In: LINGUAGEM e produção de sentidos no cotidiano. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

UNHCR (UNITED NATIONS HIGH COMMISSIONER FOR REFUGEES). **Global trends: forced displacement in 2018**. 20 jun. 2019. Disponível em: <https://www.unhcr.org/ch?comid=56b079c44&&cid=49aea93aba&tags=globaltrens>. Acesso em: 29 ago. 2020.

ZANFORLIN, Sofia Cavalcanti et al. MidiaMigra: relato de uma experiência de observação da mídia. **Revista de Estudos da Comunicação**, v. 15, n. 36, jan/abr. 2014. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/estudosdecomunicacao/article/view/22451>. Acesso em: 28 ago. 2020.